

Presença da Arquitetura Moderna em Juiz de Fora: Projeto de Residência de Arthur Arcuri para a Rua Brás Bernadino

Raquel Dias Vieira Braga (ra@arquitetura.ufjf.br)

Departamento de Arquitetura e Urbanismo – FE – UFJF

Fabio José Martins de Lima (fjmlima@arquitetura.ufjf.br)

Departamento de Arquitetura e Urbanismo – FE – UFJF



Figura 1 – Salão de jogos - painel em pastilhas vitrificadas e balcão em madeira

Resumo

O estudo pretende discutir questões relacionadas com uma área de interesse cultural em Juiz de Fora, M.G., com particular atenção pelo enfoque sobre o Movimento Moderno na arquitetura brasileira.

Palavras-chave: arquitetura moderna, preservação do patrimônio, modernismo

Abstract

The study intends to discuss about an area of cultural interest in Juiz de Fora, M.G. , particularly to approach with Modern Movement in Brazilian architecture.

Key words: modern architecture, heritage preservation, modernism

Introdução

A comunicação pretende discutir questões relacionadas ao patrimônio da Arquitetura Moderna na cidade de Juiz de Fora, para melhor situar sua representatividade no contexto das manifestações relacionadas a esta poética.

Partindo da temática mais abrangente, propõe-se aplicar estes conceitos num estudo de caso que se configura por sua presença marcante na dinâmica atual da cidade relacionada a seus usos e apropriações, bem como pela sua relevância neste contexto de manifestações.

A residência de Arthur Arcuri¹ para a Rua Brás Bernardino, situada na área central da cidade, remete a um período importante de sua memória de ocupação. A edificação constitui expressiva referência espacial, pela sua inserção no conjunto urbano como obra construída, além dos jardins e arborização, que contrastam com o entorno de prédios altos, *shopping centers* e estacionamentos vizinhos.

Vale ressaltar que o trecho urbano onde está inserido o imóvel, em questão, revela a dinâmica de renovação urbana, recorrente nas intervenções sobre a cidade, que privilegiou o mercado imobiliário em detrimento da qualificação ambiental.

Para o entendimento aqui proposto, cuja complexidade extrapola as questões relacionadas com a proteção do patrimônio cultural, constatamos várias dificuldades. Uma primeira dificuldade diz respeito à cultura local no reconhecimento da importância da preservação do seu conjunto edificado, considerando os vários tempos da formação da cidade. Uma segunda dificuldade vincula-se aos instrumentos de política urbana municipais, que ainda são incipientes no trato destas questões, que envolvem interesses diversos, desde os particulares até os do mercado imobiliário. Uma terceira dificuldade é a discussão junto à comunidade de até que ponto a substituição deste patrimônio representará uma melhoria na qualidade de vida da cidade.

Conceitos e Referências

Em sua *História da Arquitetura Moderna*, Leonardo Benevolo vai afirmar que o termo “Movimento Moderno” assumiu um significado bastante preciso em arquitetura. Já Kenneth Frampton, em sua *História Crítica da Arquitetura Moderna*, vem dizer-nos que, “quanto mais rigorosa é nossa busca da origem da modernidade, mais remota nos parece estar esta”, sendo que ele chega a remeter-nos a meados do séc. XVII, quando uma nova visão da história levou os arquitetos a questionarem os cânones clássicos de Vitruvius.

Segundo Argan (1993) o Modernismo resume as correntes artísticas que na última década do séc. XIX e na primeira do séc. XX propõe-se a interpretar, apoiar e acompanhar o esforço progressista, econômico-tecnológico, da civilização industrial.

Percebe-se aqui os esforços de delimitação da idéia de movimento moderno em arquitetura, que muitas vezes caminha para a pesquisa de outros conceitos como modernidade, moderno e modernismo.

Esta argumentação opta pelo uso do termo Movimento Moderno em Arquitetura, entendendo que se refira a uma tendência da arquitetura com delimitações temporais e definições instituídas. Entende-se que os outros conceitos, que são citados como possíveis substitutos para esta idéia, são conceitos atemporais, que dependem de uma ampla argumentação para sua delimitação, o que não é objetivo deste trabalho.

A maioria dos historiadores da arquitetura e do urbanismo modernos aponta para uma primeira modernidade da Revolução Industrial até os finais do séc. XIX e uma segunda modernidade, que seria o Movimento Moderno em Arquitetura a que se refere neste caso, emanando da cultura *art nouveau* como ponto de ruptura com a cultura mimética e historicista, e que se afirma após a Primeira Guerra Mundial (Marques –1999).

Acerca da Proteção do Patrimônio Cultural

A imagem urbana referencia o lugar onde vivemos, isto é, o território apropriado no cotidiano da cidade, cuja complexidade revela-se no processo de ocupação ao longo do tempo. Vilas, casas, chalés e bangalôs, barracões, jardins e quintais, prédios altos, escolas, bares, lojas, padarias, mercados e hotéis, ruas, avenidas e praças, calçadas e arborizações, dentre outros, configuram esta ocupação. O ir e vir do cidadão se faz presente a partir destes referenciais. A memória social em sua dimensão material e simbólica, revela-se tanto pelas manifestações mais simples, quanto pelas mais complexas. Esta memória, entendida como uma memória da ocupação e da apropriação dos lugares, tornou-se *“...a base para a construção das identidades, da consciência do indivíduo, dos grupos e classes. A memória registra o processo de identificação dos sujeitos com o espaço em que se inserem e as conseqüentes relações que se estabelecem a partir desta identificação.”*² Não é de hoje que o sacrifício constante de áreas verdes, somado a outros condicionantes naturais, rios, córregos e montanhas, assim como a destruição de conjuntos edificados ou mesmo edificações isoladas, tem sido uma prática muito difundida no processo de expansão ou consolidação das cidades. Em Juiz de Fora, importantes referências culturais foram demolidas para dar lugar a galpões-estacionamentos, lotes vagos ou mesmo prédios que desqualificaram o seu espaço urbano. A lógica do mercado imobiliário que sobressai é a da especulação sem limites, buscando o lucro máximo com a ocupação máxima.

Assistimos há pouco (Julho de 2003) a demolições “relâmpago” de pelo menos três edificações importantes, que documentavam épocas distintas da cultura urbana de Juiz de Fora, sendo que a residência da Rua Brás Bernardino está correndo o mesmo risco.

O que emerge destas questões é que devemos inverter esta lógica, no sentido de refazer os espaços, através de uma apropriação de locais – como reservas do mercado imobiliário – e transformá-los em lugares. Nesta apropriação sobre os locais, interferem traços culturais específicos, que se relacionam com as *“...marcas que os diferentes grupos sociais imprimem no território que ocupam. A memória da ocupação do território - em sua dimensão material e simbólica - diz respeito ao cotidiano, tanto em sua manifestação mais simples como na mais complexa, desde que relevante para determinado grupo social”*³. Ao tornar

próprios determinados locais das cidades, os habitantes, enquanto comunidades, transformam estes locais específicos em lugares simbólicos. Os lugares de convívio, então, onde se desenvolvem relações de toda natureza - trocas por assim dizer - se convertem em um mundo de revelações simbólicas. Como espaços físicos - visíveis e materiais - apropriados pelos cidadãos, estes lugares, com os significados ali construídos, representam o suporte para as socializações - visíveis e invisíveis: sensoriais antes de tudo. E como suporte físico para as relações e práticas sociais, não podem ser pensados à revelia de quem os habita.

No caso em estudo, o uso da edificação como escola, desde a década de 1970, agregou ao imóvel importantes valores, que motivaram a reivindicação de preservação do lugar que se tornou símbolo de um grupo e de uma geração.

Características do Imóvel



Figura 2 – Fachada frontal

O imóvel compreende parte edificada e jardins em terreno situado na área central da cidade. A edificação é considerada uma das residências mais importantes da vasta contribuição arquitetônica do engenheiro Arthur Arcuri para Juiz de Fora, sendo que o conjunto de sua obra pode ser observado no catálogo "Arquitetura Moderna em Juiz de Fora – A contribuição de Arthur Arcuri."⁴

Construída em 1955, esta edificação é relevante dentro do conjunto da obra de Arcuri, fazendo parte de um repertório que é fruto de sua intenção de desenvolver projetos arquitetônicos condizentes com as idéias e

pressupostos do Movimento Moderno. O engenheiro Arthur Arcuri experimenta projeção neste período, tendo projetos apresentados na Primeira Mostra Contemporânea Brasileira, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1952, e que foi posteriormente intitulada "Exhibition of Contemporary Brazilian Architecture" e levada para Londres, Paris e outras capitais européias.

*"Propondo-se a resolver o problema da construção utilizando formas vitais e racionais, a nova arquitetura vence, então, pela exaltação e simplificação da forma, pela integração à natureza, pela valorização do material, pela exploração da cor e pela proclamação da sua função."*⁵

Arthur Arcuri estabeleceu contatos com representantes importantes da cultura brasileira em Juiz de Fora como o poeta Murilo Mendes e com arquitetos protagonistas do Movimento Moderno em Arquitetura no Brasil: Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Burle Marx. Estes contatos influenciaram e atestaram a qualidade de sua atuação profissional.

Na residência da Rua Braz Bernardino, em Juiz de Fora, podemos apontar características relevantes, na sua concepção arquitetônica e paisagística, que atestam a sua representatividade, no âmbito da produção do Movimento Moderno em Arquitetura no Brasil, em particular na cidade de Juiz de Fora. A casa se projeta, assim, como um importante bem cultural, cuja proteção por meio de tombamento se mostra essencial, tendo em vista a sua inserção neste período bastante específico da arquitetura brasileira. Assim, podemos destacar:

1. A setorização funcional – com separação das áreas íntimas, sociais, de serviço e de lazer. Uma setorização que é adotada a partir da ideologia moderna de viver e morar.



Figura 3 - Planta Baixa Primeiro Pavimento .Legenda – 1. Terraço-Jardim 2. Living 3. Sala Terraço 4. Cozinha 5. Sala de Almoço 6. Escritório 7. Despensa 8. Hall 9. Sala de Cobertura 10. Banheiro 11. Quarto 12. Closet 13. Entrada 14. Circulação. Fonte: SANTANA, Rodrigo & PUGLIESI, Stella. Arquitetura Moderna em Juiz de Fora: a contribuição de Arthur Arcuri / Rodrigo Santana, Stella Pugliese. Juiz de Fora, FUNALFA, 2002.

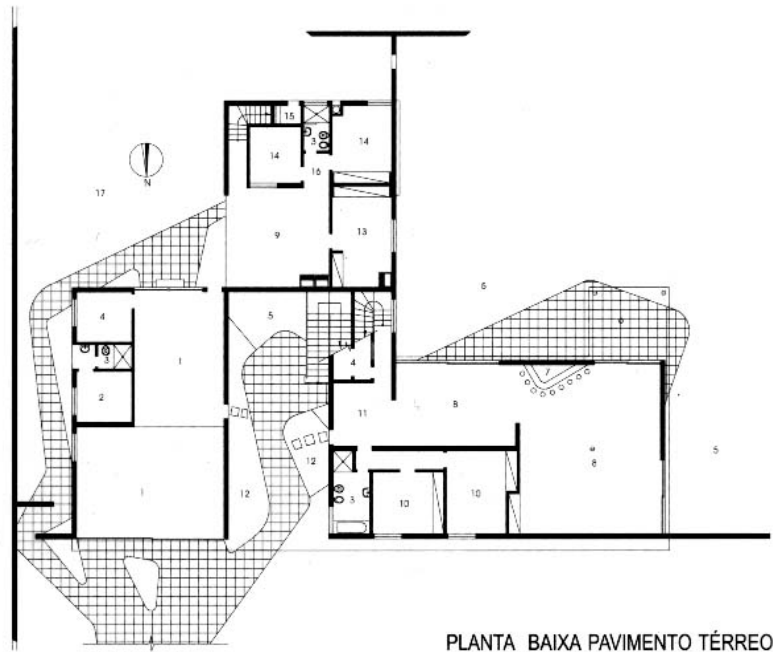


Figura 4 – Planta Baixa Pavimento Térreo .Legenda – 1. Garagem 2. Quarto Motorista 3. Banheiro 4. Depósito 5. Jardim 6. Varanda 7. Bar 8. Salão de Jogos 9. Área de Serviço Coberta 10. Quarto 11. Entrada 12. Lago 13. Lavanderia 14. Quarto de Empregada 15. Armário 16. Hall 17. Pátio de Serviço. Fonte: SANTANA, Rodrigo & PUGLIESI, Stella. Arquitetura Moderna em Juiz de Fora: a contribuição de Arthur Arcuri / Rodrigo Santana, Stella Pugliese. Juiz de Fora, FUNALFA, 2002.

2. A caracterização de um paralelepípedo suspenso na volumetria frontal do edifício e a interseção de outros volumes cúbicos e de planos.
3. A inserção de obra de arte, que neste caso utiliza painéis do artista plástico Guima (Guimarães Vieira).
4. Busca da "verdade dos materiais" pelo emprego de tijolos, pedras e estruturas aparentes.
5. A utilização do terraço-jardim - que neste caso é coberto por pérgula.
6. A concepção dos jardins com referência nas idéias de Burle Marx – paisagista de prestígio internacional com quem Arthur Arcuri manteve contato para a elaboração de uma praça no bairro Bom Pastor, em Juiz de Fora, durante a administração do prefeito Dilermando Cruz (1947-50), mantendo com este um contato freqüente quando de suas idas ao Rio de Janeiro. As espécies adotadas neste imóvel se inserem neste padrão e os exemplares de maior porte estão até hoje conservados no local.



Figura 5 – Painel em pastilhas do artista plástico Guima

Considerações Finais

Pensar a cidade em que vivemos, na perspectiva aqui esboçada, permite uma compreensão mais abrangente de como se articulam as suas ocupações e de como estas ocupações, como apropriações de territórios, fazem parte da construção da memória social do lugar. Isso permite e provoca repensar os espaços construídos, tendo em vista os grupos e os seus territórios carregados de significados e conteúdos. E permite também compreender melhor a diversidade que se revela nestes espaços, como reflexos dos múltiplos horizontes históricos. Ruas, avenidas, esquinas, largos, praças, parques, conjuntos de edificações compõem um cenário que transcende o aspecto funcional. Este repensar a cidade implica um olhar criterioso sobre o presente, sem perder de vista o passado, para que possamos arriscar projeções sobre o futuro. Afinal, a consideração da experiência acumulada permite reavaliar as soluções possíveis.

A valorização e o interesse na preservação de exemplares da Arquitetura Moderna⁶ é relativamente recente, mas tem sido reforçada com a criação de um órgão internacional (DOCOMOMO – documentation and conservation of buildings, sites and neighbourhoods of the modern movement) que documenta, trata da conservação, informa e cria fóruns de discussões sobre o tema. Este órgão, além de indicar

sistematicamente o tombamento, em nível internacional, de vários exemplares deste momento da arquitetura no Brasil, tem uma representação brasileira expressiva, dada a repercussão internacional de nossa Arquitetura Moderna.

Este olhar voltado para a conservação de um acervo juizforano de Arquitetura Moderna constitui uma preocupação recente. Constatamos iniciativas isoladas como a que se esboça pelos locatários desde 1973 - Colégio Magister, que por ter se caracterizado como uma escola aberta a comunidade, além de investir na conservação deste patrimônio cultural, permitiu que este patrimônio estivesse disponível à visitação. Procuramos com esta comunicação subsidiar esta iniciativa, no tocante aos aspectos relacionados com a arquitetura e o patrimônio cultural, e abrir a discussão sobre o elenco de obras vinculadas ao Movimento Moderno, além da contribuição de Arthur Arcuri, presentes na cidade de Juiz de Fora. Com isso, esperamos ampliar os horizontes da historiografia da arquitetura e do urbanismo modernos no Brasil.

Notas

¹ Arthur Arcuri diplomou-se em engenharia pela Escola Nacional de Engenharia no Rio de Janeiro em 1937, tendo feito cursos de especialização em engenharia civil também no Rio, período em que freqüentou assiduamente a biblioteca da Faculdade Nacional de Arquitetura, declarando ser autodidata em arquitetura, fotografia e artes plásticas, o que lhe permitiu posteriormente ocupar a cadeira de História da Arte na antiga Faculdade de Filosofia, que depois vem a ser incorporada à Universidade Federal de Juiz de Fora.

² PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Dossiê de Tombamento do Conjunto Urbano Bairro Santa Tereza (projeto). Belo Horizonte: s.e., 1998.

³ BELO HORIZONTE. Belo Horizonte: Memória e Patrimônio Cultural. Belo Horizonte: DMPC/SMC/PBH, 1995

⁴ SANTANA, Rodrigo & PUGLIESI, Stella. Arquitetura Moderna em Juiz de Fora: a contribuição de Arthur Arcuri. Juiz de Fora, FUNALFA, 2002.

⁵ ARCURI, Arthur. O problema da forma na arte do monumento. Revista Arquitetura e Engenharia, Belo Horizonte IAB/MG, n. 23, p. 58-59, set./out. 1952.

⁶ Como por exemplo o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha (1942) em Belo Horizonte, MG, protegido no âmbito municipal, estadual e federal. Além disso, várias edificações modernistas encontram-se inseridas nos conjuntos protegidos pela esfera municipal, no caso de Belo Horizonte.

Referências bibliográficas

ARCURI, Arthur. **O problema da forma na arte do monumento**. Revista Arquitetura e Engenharia, Belo Horizonte IAB/MG, n. 23, p. 58-59, set./out. 1952.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

BRAGA, Raquel D. V. *Goetheanum, arquitetura enquanto metamorfose*. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1999.

BRASILEIRO, Vanessa Borges. **O olho do furacão - intervenções contemporâneas em ambientes históricos**. Texto xerocado.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1997, 3ª edição - P. 64.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Arquitetura da Modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998

COSTA, Lúcio. *Imprévu et importance de la contribution des architectes brésiliens au développement actuel de l'architecture contemporaine*. In: Architecture d'Aujourd'hui: Brésil. (46), VIII, julho de 1964.

FRAMPTON, Kenneth. **Historia Crítica de La Arquitectura Moderna**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993, 400 p., título original "*Modern Architecture: A Critical History*", 1980, *versión castellana de Esteve Rimbau i Sauri*.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). **Cartas patrimoniais**. Brasília: IPHAN, 1995, 344 p., (Cadernos de Documentos n° 3).

LIMA, Fábio José Martins de. **Bello Horizonte: um passo de modernidade**. Salvador: s.n., 1994, 132 p., Dissertação de Mestrado - FAUFBA.

MARQUES, Sônia. **Arquitetura Brasileira, uma pós-modernidade mais que contraditória**. in: **RUA** (Revista de Urbanismo e Arquitetura do PPG-FAU-UFBA) nº07- Jul/Dez 1999. Pág. 83.

PORTOGUESI, Paolo. **Depois da Arquitetura Moderna**. Lisboa, Edições 70, 1985.

RUSKIN, John. **La Siete Lámparas de la Arquitectura**. Santiago de Chile: Ediciones Ercilia, 1941, 234 p.

SANTANA, Rodrigo & PUGLIESI, Stella. **Arquitetura Moderna em Juiz de Fora: a contribuição de Arthur Arcuri**. Juiz de Fora, FUNALFA, 2002.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos et alli. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um Centro de Bairro**. 1985.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997, 224 p.

SITTE, Camillo. **A construção da cidade segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Ática, 1992, edição: 1889.

TAFURI, Manfredo. **Teorias e Historia da Arquitetura**. Lisboa: Editorial Presença, 1979, 290 p., título original "*Teorie e Storia Dell'Architettura*", tradução de Ana Keno e Luiz Leitão.